



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Moraes Hortêncio, Lucélia Bárbara; Vieira Guimarães, Iara
Educação Ambiental em (re)vista: a produção discursiva da Revista Nova Escola
Educação Unisinos, vol. 20, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 76-86
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449645666009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação Ambiental em (re)vista: a produção discursiva da Revista Nova Escola

Environmental education reviewed: The discursive production of the New School journal

Lucélia Bárbara Moraes Hortêncio¹
Universidade Federal de Uberlândia
barbarahortencio@yahoo.com.br

Iara Vieira Guimarães¹
Universidade Federal de Uberlândia
iaravg@ufu.br

Resumo: O artigo discute as possibilidades que a Revista Nova Escola (RNE), publicada pela Editora Abril, apresenta aos educadores, na sua complexa tarefa de promover a Educação Ambiental. Analisa os diferentes tipos de textos e os sentidos produzidos pela referida revista sobre a questão da Educação Ambiental no contexto escolar, intentando responder as seguintes questões: como as questões ambientais são apresentadas na Revista Nova Escola? Como a revista procura formar o professor para atuar na Educação ambiental? Inspirados em autores do campo da educação, do meio ambiente e da mídia, a pesquisa documental nos possibilitou compreender que o professor, para a revista analisada, é visto como um sujeito que necessita de modelos de práticas pedagógicas, muito mais do que da preocupação com a formação contextualizada. A revista é prescritiva com relação às sugestões metodológicas e modelos de práticas de ensino, dando ênfase ao pragmatismo, mais do que a formação do docente crítico-reflexivo.

Palavras-chave: Educação Ambiental, formação docente, mídia impressa.

Abstract: The text aims to analyze a cultural artifact designed to promote information and training of basic education teachers. We want to understand the possibilities that the New School journal, published by Editora Abril, presents educators in their complex task of promoting environmental education. Particularly, we analyze the different types of texts and meanings produced by the journal on the issue of environmental education in the school context, attempting to answer the following questions: How are environmental issues presented in the New School journal? How does the journal tend to form the teacher to work in environmental education? The documentary research conducted on the publications of 2012 enabled us to understand that, for the journal, much more than a critical intellectual formation the teacher is in need of different teaching practices. The journal is prescriptive regarding methodological suggestions and models of teaching practices, with an emphasis on pragmatism rather than the training of a critical-reflective teacher.

Keywords: Environmental Education, teacher training, New School journal, the press.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2121, 38408-100, Uberlândia, MG, Brasil.

Introdução

Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

No presente texto, analisamos a Educação Ambiental em um artefato midiático produzido e disseminado para os profissionais da educação básica no Brasil. Elegemos, como alvo de nossas reflexões para o desenvolvimento do presente trabalho, textos produzidos no ano de 2012 em uma das revistas mais populares entre os professores, a Revista Nova Escola (RNE), publicada pela Editora Abril². Essa publicação põe em circulação textos em diferentes formatos sobre Educação Ambiental, sustentabilidade e a postura que os professores precisam adotar diante desse fenômeno. Em relação à Educação ambiental, buscamos, na RNE, respostas para alguns questionamentos: Que discursos a mesma defende sobre a Educação Ambiental? Como a revista procura formar o professor para atuar na Educação Ambiental?

Tendo como referência o fato de que a mídia está sempre presente em nossas vidas, seja pelos meios eletrônicos, seja pela propaganda ou publicidade, com seus diversificados recursos, seja pelos recursos da mídia impressa e tantos outros meios, ponderamos sobre o fato de que as revistas pedagógicas são artefatos valorizados na cultura escolar e que, nesse sentido, alcançam os docentes e, por consequência, a escola. No caso da RNE, vimos que ela procura cumprir tal tarefa por meio da publicação de imagens, infográficos, textos, propagandas de eventos, charges, instruções, orientações, receitas prontas, etc., que buscam orientar a ação docente sobre diversos temas educativos.

O principal objetivo do estudo é assim, analisar a RNE, a fim de compreendermos qual o seu papel na difusão de ideias relacionadas à Educação Ambiental e que tipo de abordagem ela traz sobre o que o professor deve saber e fazer nas práticas escolares. Nossa investigação procurou evidenciar como a revista busca influenciar o docente, orientá-lo nas questões ambientais e em como ser um educador ambiental. Silva (2009, p. 20) esclarece-nos que

[...] as revistas são instrumentos que servem para a articulação e divulgação de práticas educativas e se organizam

enquanto textos que problematizam e orientam como deve ser a educação nas escolas. Possuem duplo potencial, pois além dos textos informativos que permitem a atualização de conteúdos, podem oferecer estudos, concepções e práticas articuladas às políticas educacionais sugeridas pelas reformas políticas, que se desenvolvem junto às edições.

Elegemos, como metodologia de pesquisa, a análise documental. O trabalho com documentos exigiu significativo envolvimento dos pesquisadores com o *corpus* de análise, pois foi preciso interrogar os documentos para que as respostas para o problema da pesquisa pudessem emergir. A pesquisa admitiu e resguardou a familiaridade e o envolvimento dos pesquisadores com o tema, bem como com as explicações e conceituações construídas no percurso da investigação. Sendo uma pesquisa educacional, a mesma foi tecida como um processo sistemático e inacabado, realizado por meio de um caminho metodológico e pelo modo de ler dos pesquisadores envolvidos.

A estrutura da Revista

A RNE é publicada pela Editora Abril³, um dos maiores grupos de mídia do Brasil. É um periódico educacional endereçado a um público específico: o professor da Educação Básica. Publicada desde março de 1986, a revista é mensal e circula nacionalmente, com tiragem média de 600 mil exemplares, tendo um público leitor formado por 72% de mulheres e 28% de homens. É relevante assinalar que a mesma conta com o apoio institucional do Governo Federal, que permite sua venda, segundo seus editores, a preço de custo, além da distribuição para a rede escolar pública. Assim, o valor da revista provavelmente atenda ao poder de compra do público leitor.

O nome, Revista Nova Escola, é sugestivo; por um lado, marca a oposição à chamada escola tradicional e, por outro, remete-nos às tendências da inovação pedagógica, em que os currículos focalizam o ensino em atividades de exploração do mundo e de valorização das experiências discentes. As ideias de inovação pedagógica dizem respeito ao aluno como agente e epicentro do processo de aprendizagem, e a valorização das experiências de aprendizagem por meio da observação e do contato com o objeto de conhecimento são traços marcantes desse movimento que marcou a escola moderna.

² A pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

³ O Grupo Abril foi fundado na década de 1950 e é hoje o mais influente e poderoso grupo de mídia do Brasil. Possui 9 mil funcionários, atua nas áreas de mídia, gráfica, logística e distribuição. A Editora Abril é um dos ramos de negócio do grupo: publica 52 títulos e 192 milhões de exemplares/ano, possui 4,7 milhões de assinaturas, 59 milhões de internautas (Folha de S. Paulo, 2013).

Assim, o desenho editorial da RNE compreende a relevância dos bons exemplos e das receitas de sucesso, fórmulas já testadas para as práticas de sala de aula. Nessa perspectiva, comprehende-se que o professor precisa ser um competente executor e técnico. Em oposição ao tradicionalismo, a percepção das salas de aula também se modificou, criando-se um cenário que enaltece o ambiente mais alegre, vivo e colorido, sendo possível perceber esse aspecto folheando exemplares da referida revista, que combina, com maestria, os aspectos das impressões com a cibercultura, produzindo um *corpus* textual ágil, colorido e imagético. Assim como as demais revistas da editora, a RNE tem uma proposta objetiva sobre a educação e a instituição escolar, haja vista que,

à medida que elabora um discurso sobre o mundo, ela constrói um discurso de si mesma, estabelecendo o seu lugar e para o que veio, dando-se a importância necessária para se firmar como um objeto imprescindível à vida do cidadão e justificando o seu modelo, ou seja, o que “vai ser dito”, “como vai ser dito” e em nome de qual segmento da sociedade serão direcionados os dizeres (Guimarães, 2006, p. 132).

A RNE é produzida para um professor que apresenta problemas em relação ao processo de formação⁴, sobre-carga de trabalho, baixa remuneração, pouco tempo para planejamento, além da desvalorização social da profissão. Todos esses aspectos são amplamente divulgados e discutidos em âmbito nacional e estão marcados nas páginas da publicação analisada. Com vistas à característica do seu público leitor, a revista dedica-se a construir um discurso sobre a competência e as singularidades de um tipo ideal de docente, de modo que o leitor tenha um modelo a ser seguido em seu processo de formação continuada. Sendo assim, a RNE assume como designação:

orientar, prescrever e sugerir ao grupo profissional relacionado ao professorado o “que se deve saber” e o “que deve ser feito”. Ao invés de propor a ingerência nos currículos escolares problematizando a mídia, a própria mídia se autodrogaria como resolução dos problemas educacionais, constituindo-se como “escola paralela” ou currículo dos professores: “ensinando” o modo considerado satisfatório, inovador e competente de desenvolver as disciplinas escolares, ou seja, de praticar os currículos produzidos e prescritos pelos órgãos públicos reguladores da política educacional (Ramos, 2009, p. 3).

Verificamos que a revista adota como meta primordial promover a formação continuada do professor. Para tanto, a revista trabalha sob o prisma da inovação. O discurso recorrente da publicação gira em torno de expressões como “novidade”, “moderno”, “atualizado”, sendo que sua perspectiva de formação docente circunscreve-se claramente na vertente da atualização. É visando a essa possibilidade que a revista procura criar, para os leitores, a compreensão do escopo e o interesse pela publicação: busca de novidades pedagógicas e de práticas metodológicas inovadoras. Para ser fiel a essa finalidade, a RNE assume um viés pragmático, baseado na visibilidade de modelos e exemplos “bem-sucedidos” de saber/fazer na educação.

As edições analisadas no percurso da pesquisa apresentam uma estrutura básica em todos os seus números analisados, sendo organizada, na maioria das revistas, em 106 páginas, delimitadas em quatro partes principais, intituladas de “Capa”, “Sala de Aula”, “Seções” e “Reportagens”, conforme se pode observar na Figura 1.

Observamos que os exemplares são constituídos por diferentes gêneros textuais e se apresentam fartamente ilustrados com imagens, fotografias e infográficos. Essa tendência é semelhante às outras revistas da Editora Abril e segue o preceito de que “o texto, por mais perfeito que seja, será sempre mais bem compreendido e atraente quando acompanhado de uma boa fotografia ou de um infográfico bem feito” (Scalzo, 2003, p. 58).

Outra característica marcante é a linguagem simples, fluente e direta. A revista assume claramente a missão de simplificação do discurso acadêmico, a fim de torná-lo acessível ao professor da Educação Básica. Além disso, adota um forte apelo na divulgação de experiências de sucesso, de docentes “bem-sucedidos” e “competentes”, que se esforçam em um processo de autoformação e busca de novidades. Conforme salienta Ramos (2009, p. 6), a RNE procura, de modo enfático, “simplificar ou traduzir as ‘renovações’ didático-pedagógicas, através de uma linguagem não acadêmica, portanto, de presumível inteligibilidade”.

Para a RNE, a compreensão das discussões acadêmicas apresenta importância se estas induzirem os profissionais da Educação a pensar soluções objetivas e modernas, em oposição à escola tradicional e ultrapassada. O bom professor, nessa perspectiva, é aquele

⁴ Segundo Bernadette Gatti, pesquisas têm demonstrado que o perfil socioeconômico de quem procura a docência como profissão, em sua grande maioria, vem de classe social menos favorecida econômica e culturalmente e, por isso, necessita trabalhar durante o processo formativo: “são alunos que têm dificuldades com a língua, com a leitura, escrita e compreensão de texto, a maioria proveniente dos sistemas públicos de ensino, que têm apresentado nas diferentes avaliações um baixo desempenho. Em resumo, trata-se de alunos que tiveram dificuldades de diferentes ordens para chegar ao ensino superior. São estudantes que, principalmente pelas restrições financeiras, tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem maior riqueza cultural e acesso à leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens. E essa mudança de perfil trouxe implicações para os cursos de Licenciatura, que estão tendo que lidar com um novo *background* cultural dos estudantes” (Gatti, 2009, p. 1355-1379).



Figura 1. Sumário da revista.

Figure 1. Journal content.

Fonte: Revista Nova Escola, nº 252, 2012.

que se apresenta atento aos novos conhecimentos e tem informações mais atualizadas que o ajudam em sua prática pedagógica diária.

Nas capas das revistas, o nome da publicação se apresenta em letras bem visíveis e em cor branca, sugerindo a cor do giz, objeto muito peculiar do trabalho docente. Scalzo (2003, p. 62) assim define a característica da capa de uma revista:

Uma boa revista precisa de uma capa que ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa. “Capa”, como diz o jornalista Thomaz Souto Corrêa, “é feita para vender a revista”. Por isso, precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor.

É interessante pontuar que os professores apresentados nas páginas da revista têm um perfil jovem e alegre. Os mais idosos são personalidades reconhecidamente

idôneas e de renome no campo pedagógico, ou formadores de professores. Há uma formalidade tradicional nas roupas usadas pelos professores apresentados. As vestimentas das professoras, por exemplo, são sempre frugais, com mangas e decotes comportados. As características dos trajes são recorrentes tanto nas matérias jornalísticas que tratam das práticas quanto nas páginas de publicidade.

A publicidade na Revista Nova Escola

A publicidade está presente em todas as revistas analisadas de maneira incisiva. Com impressões de qualidade notável, as fotografias dizem muito do contexto político, histórico-social e cultural vivenciado nas instituições escolares do Brasil e ocupam espaço considerável nas páginas da publicação. É possível observar imagens que mostram professores e alunos, ilustrando nitidamente produtos de grandes empresas brasileiras do setor educacional e expondo, de maneira recorrente, a publicidade governamental, sobretudo as vinculadas aos planos e diretrizes curriculares implementadas no país, para que as instituições cumpram as metas e índices esperados. Um ilustrativo exemplo das propagandas oficiais pode ser visualizado nas mensagens publicitárias sobre o PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação. Tomemos, como exemplo, a edição de nº 254. Somente nesse número da RNE, temos seis páginas com propaganda do governo federal⁵, ressaltando as iniciativas do Ministério da Educação, conforme descritas a seguir:

- Toda Escola Pública pode ser uma boa Escola: Por meio do PDE, o Ministério da Educação oferece aos Estados e Municípios programas e recursos para uma educação de qualidade [...] (RNE, 254, p. 14-15).

- Toda Escola Pública pode ter transporte Escolar: Com o programa Caminho da Escola, o Ministério da Educação garante aos Estados e Municípios recursos necessários para implantar soluções para o transporte escolar [...] (RNE, 254, p. 17).

- Toda Escola Pública pode ter uma biblioteca: O Ministério da Educação fornece obras de literatura e pesquisa [...] (RNE, 254, p. 19).

- Toda Escola Pública pode ter equipamentos digitais: O Ministério da Educação [...] leva às escolas equipamentos [...] (RNE, 254, p. 21).

⁵ Os gastos do Governo Federal com periódicos destinados à escola pública somaram, no ano de 2013, R\$57.072.470,94. Segundo o FNDE, foram beneficiadas 153.840 escolas públicas em todo o país, que receberam no referido ano 14.885.649 periódicos. Entre os títulos recebidos pelas escolas estão: Nova Escola, Carta Fundamental, Pálio Educação Infantil, Ciência Hoje das Crianças, Cálculo Matemática para Todos, Língua Portuguesa, Carta na Escola, Filosofia, Ciência e Vida, Pálio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico, Revista de História da Biblioteca Nacional e Presença Pedagógica (Disponível em FNDE, 2013).

- Toda Escola Pública pode ter quadras Esportivas: O Ministério Público aprovou propostas de financiamentos para a [...] (RNE, 254, p. 22).

- Toda Escola Pública pode ter educação em tempo integral: O Ministério da Educação apoia Estados e Municípios na ampliação do tempo [...] (RNE, 254, p. 25).

Conquanto se reconheça que o patrocínio é um instrumento publicitário das empresas que o sustentam, não podemos deixar de observar que a propaganda ganha amplos espaços na revista analisada. Um número significativo de páginas é ocupado pela publicidade de editoras que divulgam seus livros por meio da revista, a fim de atingir o público-alvo e ganhar a preferência das escolas na adoção de suas publicações.

As publicidades são produzidas de modo cuidadoso e endereçam mensagens claras e sedutoras aos leitores. Visam conquistar os professores, seduzindo-os quanto à escolha e à aquisição dos livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), programa que, sabidamente, confere às editoras grande retorno financeiro e que, sendo mantido pelo Governo Federal, paga elevadas somas pela distribuição dos livros didáticos e paradidáticos aos alunos das escolas públicas nacionais.

Além das editoras, tem destaque na revista a publicidade de escolas privadas, sistemas de ensino, revistas, roupas infantis, hotéis e pousadas para o chamado turismo pedagógico. As empresas do ensino privado também não perdem a oportunidade de divulgar seus sistemas de qualificação de professores, aprovados pelo Ministério de Educação. São ofertas de oportunidade para o público da Educação Infantil, Básica e Ensino Superior. Os professores são estimulados a se especializar, e muitos cursos estão disponibilizados com a devida autorização do MEC.

Para elucidar a questão, podemos tomar como referência um número específico da publicação. No exemplar n.º 252, por exemplo, de suas 106 páginas, 35 foram ocupadas com publicidade, tendo como os maiores anunciantes as empresas ligadas à produção de livros didáticos, conforme pode ser observado no Quadro 1.

Os anunciantes endereçam sua publicidade diretamente ao professor, que é o público-alvo da revista em análise. Algumas empresas anunciantes impressionam com o modo pelo qual estão presentes na publicação, tanto pela recorrência nos exemplares, como pelo grande número de páginas que são ocupadas pelos anúncios publicitários das mesmas. Ganhando destaque o próprio prêmio criado pela RNE, Chamado “Educador Nota Dez”, da Fundação Victor Civita. Nesse caso, pode-se perceber que a revista pretende fazer autopublicidade,

Quadro 1. Publicidade na RNE n.º 252.

Chart 1. Advertising in the Journal New School No. 252.

Publicidade	Recorrência/ nº de páginas
Sistema Positivo de Ensino	01
Sistema de Ensino Objetivo	01
Sistema de Ensino Apis	01
Sistema de Ensino Jean Peaget	01
Editora FTD	02
Editora SM	02
Editora Ática	04
Editora Scipione	04
Editora Saraiva	04
Editora Moderna	02
Editora Agora	01
Planeta Sustentável	07
Gerdau	03
Sistema de Ensino CENI	01
Malhas Malwee	01
Total	35

Fonte: Revista Nova Escola, n.º 252, 2012.

ao mesmo tempo em que chama a atenção pelo elogio à meritocracia, conforme se observa nas figuras a seguir.

Há, também, os concursos e prêmios dirigidos aos profissionais da educação e financiados por grandes empresas que aparecem na revista como publicidade indireta. Como exemplo, podemos citar o “EcoFuturo (Rio+20)” (RNE, n.º 252, 2012, p. 43), uma chamada para a participação de professores no concurso, cujo tema é “**Rio+20: e eu com isto?**”, premiando as ideias mais inovadoras de educação para a sustentabilidade.

Observa-se que essa chamada para o referido concurso traz, no rodapé da página, o nome de 11 empresas patrocinadoras, o que nos remete, mais uma vez, ao campo da publicidade, que confere visibilidade às empresas por meio da publicidade indireta.

Como já mencionamos, a revista tem um foco no professor da educação básica e, certamente, o sucesso de vendas da RNE explica-se pelas intenções e características do produto aos interesses de seus leitores. Sobre essas características relacionadas com revistas, Guimarães (2006, p. 134) nos mostra que:

Ao contrário do jornal, que tem um público heterogêneo, a revista atinge um grupo de leitores mais homogêneo e com interesses comuns. Isso permite à revista estabelecer um



Prêmio Victor Civita

Seu projeto é nota 10?

Então inscreva-se de 8 de junho a 8 de julho.
Um novo site indica o que fazer para chegar lá

Com ação de MARIANA QUEEN mariana.queen@fvc.org.br Editado por ANA LIGIA SCACHETTI

A 15ª edição do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10 já começou. Para participar, professores e gestores da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Adolescentes e Jovens (EAJ) devem enviar seu projeto para a Fundação Victor Civita (FVC) de 8 de junho a 8 de julho. Os vencedores da 15ª edição, que serão anunciados em 2011 e júri de 2012 e a premiação é de 15 mil reais para cada um dos dez vencedores e de 10 mil reais para o projeto que ficar em 10º.

A ficha de inscrição e todos os detalhes estão no site premiovci.org.br, reformulado para essa edição.

“Vale a pena ler os relatórios dos selecionadores. Eles

descrevem os critérios de análise em cada área e apontam os equívocos”, avisa Regilia Scarpin, coordenadora pedagógica da FVC. “Ano passado, temos previsão de 1500 inscrições, o que é muito interessante.”

Em 2011, a Educadora do Ano foi Fernanda Pedrosa de Paula, de São Paulo, que trouxe para a instituição de ensino de que é gestora, aulas sobre proteção cíclonica. Ela ainda colhe os frutos da vitória e tem sido convidada para dar palestras para professores e estudantes. “Nós queremos que os professores pratiquem muito boas que devem servir de exemplo. Temos de socializar trabalhos que impactam a aprendizagem dos alunos”, incentiva.



Figura 2. Prêmio Victor Civita – Publicidade dos 15 anos do prêmio Civita.

Figura 2. Prize Victor Civita – Advertising of the fifteen years of the Civita award.

Fontes: Revista Nova Escola, n.º 250, março de 2012/Revista Nova Escola, nº 249, janeiro de 2012.

vínculo mais estreito com o leitor, falar diretamente a ele, dando respostas para seus problemas e abordando os assuntos que interessam e mobilizam aquele público específico.

Em seu conjunto, a RNE apresenta-se de maneira muito atrativa para os leitores. Folhear esse artefato midiático remete-nos ao ambiente escolar. As imagens e os textos sugerem-nos uma escola ideal, com alunos ideais e, notadamente, com professores alegres, engajados, responsáveis e satisfeitos com o seu fazer profissional. O professor mostrado pela RNE é aquele que, de acordo com o jargão, “faz a diferença”, inova e propõe soluções para a escola e para a sala de aula. Essa perspectiva certamente corrobora para o fato de a revista ser um sucesso editorial em relação ao número de leitores. Nesse sentido, Bueno (2007, p. 36) ressalta que

Os professores realmente clamam pela combinação entre informação e entretenimento, pelas pílulas suaves de autoajuda que ilusoriamente possam aplacar a angústia provocada por poderes sociais que parecem tão ameaçadores quanto o eram, para o homem primitivo, os poderes da natureza. Mas exatamente ao satisfazer desejos heterônomos *Nova Escola* converte-se em produto cultural regressivo, pois se faz cúmplice de um estado de reificação que somente os educadores poderão superar.

Entretanto, é preciso pensar também nos deslizamentos de sentido, nas possibilidades de reflexão e na não passividade dos docentes frente à produção da revista

analizada. Tal fato leva-nos a questionar: se a lógica discursiva da revista remete-nos ao professor pragmático em seu fazer-executar-fazer, como fica a atividade crítica e reflexiva?

Compreendemos que é preciso discutir os limites da chamada reificação dos receptores. Por mais que o artefato midiático seja poderoso e que os docentes estejam envolvidos em soluções pragmáticas, imediatismo de desempenhos, cumprimento de metas e prestação de contas dos gastos públicos, estresse e pressão por resultados, há sempre a possibilidade da análise, da busca de novos sentidos, da recusa das fórmulas simplificadas para as questões da escola e de seu desenvolvimento profissional.

O discurso ambiental na revista Nova Escola

É necessário um olhar mais atento e profundo aos textos estandardizados que se apresentam comumente no contexto escolar, os quais somente uma recepção crítica e ativa poderá descortinar. É esse o exercício que propomos fazer no presente texto, analisando de modo específico o que a revista diz aos leitores sobre Educação Ambiental.

a. Interdisciplinaridade

Observamos que a prática interdisciplinar é mostrada como uma alternativa para integrar diferentes matérias,

abrindo espaços para a abordagem de alguns conteúdos, de forma mais ampla, dando, aos alunos, a oportunidade de compreensão mais abrangente da complexidade dos temas e dos problemas da atualidade. Podemos observar essa questão no excerto a seguir, extraído da edição 252:

Muitas vezes, há um grande engajamento da comunidade escolar nessas iniciativas, mas não fica claro o que os alunos aprenderam em cada uma das disciplinas. Por isso, é preciso olhar com atenção como a proposta está sendo construída, quais temas serão envolvidos e o que vai ser de fato ensinado aos estudantes [...]. A divisão em disciplinas é uma prática necessária para a organização das escolas e do ensino. É claro que o conhecimento não se limita a uma ou outra área. “Na vida, os conteúdos estão integrados”, ressalta Denise Guilherme, assessora pedagógica de formação de professores de redes municipais de Educação (RNE, 252, p. 94).

Essa ideia de interdisciplinaridade ganhou força no campo educacional brasileiro nas últimas décadas, defendendo o aprendizado com conteúdos menos fragmentados, que envolvessem temas sociopolíticos e, também, relacionados à natureza. No Brasil, essa visão foi enfatizada por muitos autores, inclusive por Paulo Freire, que valorizava a leitura integral do mundo que nos rodeia para que os estudantes possam adquirir os conhecimentos específicos de cada uma das suas partes. Segundo ele, sem compreender criticamente a dimensão da realidade em que se insere, o homem não poderá conhecê-la. É justamente a visão mais ampla da realidade que permitirá aos estudantes isolar os elementos e estudá-los de modo mais significativo.

Certamente a discussão sobre meio ambiente denota a necessidade de uma reflexão sobre interdisciplinaridade, pois a maior parte dos temas ambientais diz respeito a processos em que há *expertise* de diferentes campos do conhecimento, além de estes estarem sendo vividos no cotidiano, que não pode ser visto por uma disciplina isolada. Meio ambiente, como sabemos, é considerado um tema transversal, que deve ser trabalhado pelas diferentes disciplinas escolares. Este, legalmente, não se constitui em um componente curricular obrigatório na educação básica.

Sabemos que os conceitos de transversalidade e interdisciplinaridade invadiram os ambientes escolares, estão presentes nos documentos curriculares, nas políticas públicas, nos processos de formação de professores e na pauta de discussão em quase todos os círculos educacionais. Entretanto, entre a discussão teórica e a prática em sala de aula, há um longo caminho a ser percorrido. Sabemos que há diferença entre trabalhar de maneira

integrada e a crença de que todos os temas precisam ser abordados pela equipe docente. Sabemos, inclusive, que a simples integração de áreas ou disciplinas não garante, em princípio, a obtenção de bons resultados e de uma aprendizagem de qualidade por parte dos alunos.

Observamos que, na RNE, a defesa da interdisciplinaridade é proeminente. Ao abordar as temáticas relacionadas ao meio ambiente, a revista se dedica a enfatizar e defender a interdisciplinaridade e, nessa medida, a realização de projetos interdisciplinares. Assim, as palavras “interdisciplinaridade” e “projeto” aparecem de modo assíduo no conteúdo da revista.

Entretanto, à medida que analisamos de forma mais detida a recorrência discursiva em torno da defesa da interdisciplinaridade, notamos que os modelos de projetos para a efetivação da Educação Ambiental na sala de aula estão, na maioria das vezes, ancorados em disciplinas específicas, especialmente Geografia, Ciências e Biologia. Tal fato nos indica que a publicação parece sofrer com os mesmos problemas identificados nas escolas: a distância entre a defesa de uma determinada ideia e a prática pedagógica efetivamente levada a cabo.

Entendemos que interdisciplinaridade não é um trabalho sobre uma determinada área que se aproveita dos recursos de outra. Podemos citar como exemplo o fato de que a leitura de um texto científico, em uma aula de Ciências, não encerra um trabalho interdisciplinar com a Língua Portuguesa, pois não houve nenhuma intenção voltada para a integração com o ensino dessa matéria. A simples justaposição de disciplinas escolares não garante a efetivação de um trabalho interdisciplinar. Este pressupõe a integração, o diálogo e o pensar/fazer conjunto.

Em uma prática interdisciplinar, a integração ocorre desde a problematização do tema. O tratamento interdisciplinar de um tema pressupõe a religação dos saberes no estudo, na formulação de questionamentos e na busca de soluções para os mesmos. Tal prática diz respeito à busca da totalidade do processo de conhecimento em oposição ao grande número de conteúdos fragmentados, à falta de unidade entre as disciplinas, especialmente quando são trabalhadas por professores diferentes.

A consolidação do meio ambiente como um tema transversal, que permeia a prática educativa como um todo, é de fato uma utopia a ser perseguida. Esse ainda hoje é um dos grandes desafios da Educação Ambiental no âmbito escolar.

b. “Faça sua parte”, “Faça isso”

Observamos que a RNE adota um discurso pragmático sobre a Educação Ambiental, mostrando ao professor o que deve ser feito no âmbito escolar e, assim, o como

fazer. Para tanto, a revista está sempre apresentando modelos de projetos, de práticas e de propostas pautadas em exemplos exitosos, receitas de sucesso.

A noção de que os problemas da educação podem ser resolvidos com a responsabilidade dos educadores e com certa dose de voluntarismo também é eminente nas páginas da revista. Para isso, são convocados os casos exemplares de professores que “fazem a diferença” e que conseguem estabelecer modelos de projetos e práticas que inspirem os leitores na busca de alternativas equivalentes. Os exemplos de sucesso convocam os professores para o compartilhamento da ideia de que os problemas socioambientais podem ser resolvidos se os docentes e outros profissionais da educação atuarem para tanto. O discurso é direto, conclamando a uma mudança de atitude e ao “faça sua parte”. Na Figura 3, podemos observar tal perspectiva.

A prática interativa de professor e aluno e demais agentes da comunidade escolar, no âmbito da educação ambiental, é motivada a partir de soluções diversas: cultivo da horta, coleta seletiva de lixo, redução do gasto de energia, entre outras ações sustentáveis. Leem-se no excerto as palavras de ordem sobre Educação Ambiental: “problema, ação e mudança de atitude”. Vemos nesse exemplo uma receita prescritiva para o saber fazer essa educação na escola: o problema (redução do gasto de energia na escola), a ação (alunos estimando gastos de aparelhos eletrônicos) e a mudança de atitude (atenção

aos desperdícios), tudo isso mostrado por exemplos que deram certo e, também, pela voz dos especialistas na área.

Observamos, também, que a revista sugere uma Educação Ambiental que ultrapasse o espaço escolar, e isso acontece com a palavra de ordem “desdobramento”. Tal etapa seria resultante das ações de alunos que levam para o exterior da instituição escolar os conhecimentos adquiridos. Assim, poder-se-ia ter, por exemplo, a comunidade do bairro intervindo junto ao Poder Público para a redução do gasto energético nas praças (apagando as luzes mais cedo no horário de verão) e, nos lares, a mesma atitude de economia. A revista estimula constantemente a mudança de atitude e, conquantos, a busca da chamada sustentabilidade:

Para além da escola: “Cada iniciativa mostra a capacidade de olhar para as questões e resolvê-las com autonomia e criatividade”, explica Pedro Jacobi, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da USP. “Quando cada um poupa energia – sem que para isso prejudique sua produtividade e conforto –, obtém benefícios econômicos e diminuem-se os impactos no ambiente, exigindo o menor uso dos recursos naturais” (RNE, 252, p. 62).

Notamos que a revista, de modo frequente, valoriza o professor flexível, capaz de superar as contradições sistêmicas. O tom pragmático, que cerca toda a construção discursiva da revista, apela para a ideia de que



Figura 3. Problema, ação e mudança de atitude.
Figure 3. Problem, action and attitude change.

Fonte: Revista Nova Escola, n.º 252, 2012, p. 62-63.

problemas sociais e educacionais complexos podem ser resolvidos com receitas prontas, boa vontade e esforço por parte dos professores. Nesse contexto, a publicação se apresenta como um canal competente, dinâmico e eficaz para mostrar soluções, modelos e alternativas pragmáticas aos seus leitores, mostrando-se, do início ao fim, extremamente prescritiva.

O empenho da revista em ressaltar a importância do esforço e da responsabilidade individual dos professores, como solução para os problemas ambientais, aparece, de maneira contundente, em suas páginas. Um exemplo pode ser encontrado na revista n.º 249 (p. 80), no qual se destaca o papel da professora Flávia Pereira Lima, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE, no artigo intitulado “Ela ensinou como se faz ciência de verdade”. O texto mostra que os conceitos formados pelas crianças, em relação aos cientistas, são deturpados e, talvez, por influência de filmes sobre cientistas malucos, comumente assistidos, ou de propagandas televisivas, elas tenham formado suas opiniões de modo equivocado. O trabalho de Flávia comprovou esse fato ao descobrir que o perfil do cientista, na mente dos alunos, é a figura de Einstein, descabelado, com a língua para fora. Verificamos, nesse caso, a força da mídia ao traçar figuras satíricas de cientistas, evidenciando serem essas caricaturas as impressas na mente das crianças. A revista enfatiza que o referido trabalho da professora Flávia foi além de simples explicações sobre a personalidade de Einstein, organizando uma sequência didática que esclarece aos alunos o que é o fazer científico. Nessa sequência, ela enfatizou a doença de Chagas, como exemplo de intervenção científica a partir de sua origem, desenvolvimento e tratamento, um trabalho interessante que adentra a natureza e a ação científica que a explora, em benefício do homem. A revista defende que trabalhos como este facilitam o contato do estudante com o meio, a fim de conhecer os seus benefícios e os seus riscos.

Exemplarmente, a revista destaca que aulas como a de Flávia, que trouxe um modelo do inseto transmissor da doença de Chagas, para que seus alunos o conhecessem, são motivadoras e participativas, instigando as crianças a se interessarem por pesquisas na natureza. Assim, elas aprendem o sentido do trabalho do cientista e como seus estudos são essenciais para o bem-estar da humanidade. Servem também para que os alunos possam compreender a natureza, a sociedade e os desafios ambientais que demandam pesquisas científicas e profissionais bem formados.

Encontramos também, em vários exemplares analisados, o “*Juntamos todas as peças. Venha com a gente para a Rio+20*”. Neles, a RNE convoca os docentes para o ativismo em prol da questão ambiental, marcado pela

defesa da participação comunitária no evento realizado no Rio de Janeiro, em Junho de 2012, do qual fizeram parte líderes de 193 países integrantes da ONU, visando ao desenvolvimento sustentável no planeta Terra. Essa chamada repete-se em outras revistas, com a aproximação da data do evento.

Como pontuamos, muitas questões podem ser suscitadas no processo de análise do *corpus* textual da revista. Identificamos que algumas marcas são recorrentes quando analisamos o que a revista quer transmitir ao professor, quando apresenta propostas prontas ou sugere uma construção via exemplos de sucesso, com características prescritivas e, muitas vezes, superficiais. Sua abordagem tende mais para o pragmatismo do que para uma postura crítica. O voluntarismo, o “faça a sua parte” também é frequentemente estimulado, assim como a prescrição “faça isso”.

Entretanto, é inegável que – apesar dos limites encontrados, da superficialidade no tratamento dos temas e da insistência em alguns modelos de sucesso, que normatizam e simplificam os desafios da prática docente – a revista exerce um importante papel na formação de professores. Consideramos que a principal relevância da publicação se situe no estímulo aos docentes de pensarem e pesquisarem sobre as temáticas ambientais e, quem sabe, buscarem o necessário aprofundamento formativo que a área exige.

O trabalho pedagógico docente não deve visar apenas à mudança de atitudes e hábitos, mas também à compreensão crítica dos fenômenos sociopolíticos que envolvem os temas ambientais. Não se pode menosprezar a formação científica em conhecimentos mais aprofundados sobre os temas ambientais, bem como a escola não deve se contentar com o tratamento superficial e muitas vezes ilustrativo sobre o meio ambiente. Tal tratamento pode ser aceitável para a mídia, mas não para uma instituição de ensino.

Sabemos que, para além do voluntarismo, a Educação Ambiental necessita buscar uma perspectiva crítica e transformadora que relate o homem e a natureza, os processos produtivos e culturais, a economia e a sociedade, considerando que os recursos naturais, sendo finitos, esgotam-se, e que o principal responsável pela sua degradação é a ação humana. Nesse sentido, é fundamental adotar uma visão abrangente e complexa sobre o meio ambiente, conforme defende Veyret (1999, p. 6):

A noção de meio ambiente não recobre somente a natureza, ainda menos a fauna e a flora somente. Este termo designa as relações de interdependência que existem entre o homem, as sociedades e os componentes físicos, químicos, bióticos do meio e integra também seus aspectos econômicos, sociais e culturais.

A crise ambiental vivida no mundo contemporâneo demanda o compromisso e a participação da sociedade civil. Para tanto, a escola se mostra como um lugar privilegiado na formação humana e, com o subsídio dos conhecimentos científicos e técnicos, da mídia e dos diferentes setores preocupados com os desafios ambientais do nosso tempo, poderá construir análises e reflexões que levem a ações pedagógicas mais contundentes e significativas. Nesse sentido, a RNE constitui-se em um artefato cultural que pode contribuir com o trabalho docente como fonte de informação, entre tantas outras, e não como um restrito receituário prescritivo que o professor tem de adotar. Por isso a importância de um processo de formação docente que reflete criticamente sobre os artefatos midiáticos contemporâneos.

Não se trata de estabelecer um juízo de valor contundente, afirmando o que a revista tem de positivo ou negativo. Julgamos mais produtivo ressaltar a importância de questionarmos criticamente como os discursos da revista muitas vezes naturalizam ou mesmo estereotipam os sujeitos docentes e as condutas que estes devem adotar nas práticas pedagógicas.

Considerações finais

Em nossa análise, observamos que a RNE se esforça para mostrar as ‘verdades’ latentes, apontar os caminhos para se conhecer a realidade e mostrar ao professor como desenvolver práticas pedagógicas exitosas. É preciso considerar que, se temos uma imprensa, cujo objetivo é veicular verdades e fórmulas para resolver os desafios da docência na escola, certamente é porque existe um público ávido por tais produções discursivas.

As produções discursivas da RNE nos deixaram claro que o professor, para tal publicação, é visto como um sujeito que necessita de modelos de práticas pedagógicas, muito mais do que da preocupação com a formação do intelectual crítico. A revista é prescritiva com relação às sugestões metodológicas e modelos de práticas de ensino. Apresentando seus paradigmas prontos para serem adotados e trabalhados pelos docentes, o desenvolvimento da criticidade e da autonomia ficam seriamente comprometidos.

Tal fato nos remete a Paulo Freire (2001), que tanto criticou o tecnicismo e o pragmatismo na formação de professores. Para o renomado autor, o ser humano busca, de forma contínua, a sua autonomia, como um processo de amadurecimento, que, por ser processo, tece a expectativa do que ele deseja ser e como o conseguirá, sem uma data predeterminada. Por isso, mais do que apresentar modelos a serem seguidos, talvez o mais importante fosse investir na autonomia intelectual dos docentes.

Assim, a criticidade pode permear todo o processo de aprendizagem docente, para que ela seja mais do que a simples apropriação de conhecimentos que formam uma bagagem, porém, sem significado para o sujeito, por não ter sido transformada em sabedoria que envolve o pensar próprio, crítico e criativo.

Tal fato é especialmente importante para a Educação Ambiental, visto que esse campo do saber envolve mudança de atitudes, reflexão e posicionamento político. A Educação Ambiental é um campo amplo e complexo, que pode ser trabalhado e compreendido pelas crianças, jovens e adultos, a partir dessas importantes mudanças de pensamento e de comportamento. Esse campo do conhecimento envolve o pensamento reflexivo e a mobilização dos sujeitos em busca de resposta para os problemas em pauta – prática, ação interativa, ato inteligente de influenciar com respeito –, visando a melhorias, pois terá, no epicentro da questão, seres humanos críticos e reflexivos.

As construções conceituais e análises realizadas durante esse trabalho nos permitiram compreender que, se os docentes forem movidos por um processo de aprendizagem continuada e pela busca da autoformação e da autoqualificação, a RNE poderá ser um importante material a ser considerado no pensar/fazer docente.

Não podemos negligenciar as potencialidades da mídia para a construção da prática pedagógica, nem o fato de que a RNE possa auxiliar os educadores na construção de uma cultura mais comprometida com o meio ambiente. O papel dos docentes é multidimensional e deve resgatar e analisar uma documentação diversificada acerca das áreas temáticas da educação escolar. A importância da Educação Ambiental na formação dos estudantes é emblemática, sobretudo para a formação de uma consciência reflexiva e crítica. Sabemos o quanto os temas ambientais possuem relevância social e, certamente, estão impregnados nas vivências cotidianas, nas relações socioculturais e no contato com o aparato informacional.

Compreendemos que o sentido da prática da Educação Ambiental nas escolas fundamenta-se na formação contínua do docente para o domínio de conhecimentos sobre o meio ambiente e suas complexidades, além de uma vigorosa leitura crítica dos artefatos culturais que fazem proliferar o discurso ambiental, a fim de que os professores possam interagir com os estudantes, nessa área de aprendizagem, de forma mais efetiva e problematizadora. Nesse sentido, concordamos com Ab'Saber (2004), ao afirmar que

Educação ambiental é uma coisa mais séria do que geralmente tem sido apresentada em nosso meio. É um apelo à seriedade do conhecimento e uma busca de propostas

corretas de aplicação de ciências. Uma “coisa” que se identifica com um processo. Um processo que envolve um vigoroso esforço de recuperação de realidades, nada simples. Uma ação, entre missionária e utópica, destinada a reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou jamais alcançados. Um esforço permanente de reflexão sobre o destino do homem, de todos os homens, face a harmonia das condições naturais e o futuro do planeta “vivente”, por excelência. Um processo de Educação que garante um compromisso com o futuro. Envolvendo uma nova filosofia de vida. E, um novo ideário comportamental, tanto em âmbito individual, quanto na escala coletiva (Ab'Saber, 2004, p. 1).

A Educação Ambiental é um campo temático instigante e complexo, que merece espaço para um aprofundamento maior em outros estudos. Se, como afirmou Boff (1999, p. 96), “cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele, abrindo caminho para a razão cordial”, entre tantos saberes e práticas, buscamos essa linha tênue, em que o mestre se equilibra, despertando no aprendiz a sede do conhecimento, o espírito crítico e reflexivo, a (re)visão de valores e de comportamentos em prol de um mundo melhor.

Referências

- AB'SÁBER, A.N. 1994. (Re) Conceituando Educação Ambiental. In: L.E. MAGALHÃES (org.), *A questão Ambiental*. São Paulo, Terragraph, p. 1-4.
- BOFF, L. 1999. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo, Ática, 320 p.
- BRASIL. 2008. Ministério da Educação e Cultura. PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação. Brasília, MEC, SEB, INEP.
- BUENO, S.F. 2007. Semicultura e educação: uma análise crítica da revista Nova Escola. *Revista Brasileira de Educação*, 12(35):300-307. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000200010>
- FNDE. 2013. PNBE Periódicos 2013 - Valores de aquisição. Disponível em: www.fnde.gov.br/arquivos/category/108-dados-estatisticos?download=7847:pnbe-periodicos-20. Acesso em: 01/01/2014.
- FOLHA DE S. PAULO. 2013. Roberto Civita, presidente do Grupo Abril, morre em São Paulo aos 76 anos. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/05/1285389-roberto-civita-presidente-do-grupo-abril-morre-em-sao-paulo-aos-76-anos.shtml>. Acesso em: 01/05/2013.
- FREIRE, P. 2001. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 112 p.
- GATTI, B.A. 2009. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Revista Educação e Sociedade*, 31(113):1355-1379. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000400016>
- GUIMARÃES, I.V. 2006. *Sobre os sentidos de ensinar e compreender o mundo*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 265 p.
- RAMOS, M.E.T. 2009. *O Ensino de História na Revista Nova Escola (1986-2002): Cultura Midiática, Currículo e Ação Docente*. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 240 p.
- REVISTA NOVA ESCOLA (RNE). 2012. São Paulo, Abril, edição 250, março, 136 p.
- REVISTA NOVA ESCOLA (RNE). 2012. São Paulo, Abril, edição 252, maio, 136 p.
- REVISTA NOVA ESCOLA (RNE). 2012. São Paulo, Abril, edição 254, julho, 136 p.
- SCALZO, M. 2003. *Jornalismo de revista*. São Paulo, Contexto, 112 p.
- SILVA, D.A.B. 2009. *A mídia a serviço da educação: a revista Nova Escola*. Marília, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de Marília, 116 p.
- VEYRET, Y. 1999. *Géoenvironment*. Paris, Sedes, 270 p.

Submetido: 13/02/2014

Aceito: 04/12/2015